

MARIA DE LOURDES SARMENTO

A diretoria do ANDES dividiu o Movimento

No momento em que ocorria o Congresso do ANDES de Cuiabá, a professora Maria de Lourdes Sarmiento foi inscrita, juntamente com mais dois nomes, para compor o triunvirato necessário para a inscrição de uma chapa à direção do ANDES, nas eleições que ocorrem dias 17 e 18 de maio. Entretanto, não se tinha a certeza que o grupo "Educação e Revolução" conseguiria os outros 79 nomes para fechar a chapa 2, de oposição. Mesmo assim, o Jornal da SEDUFSM ouviu um pouco sobre as idéias desta professora de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa), de 45 anos, ligada ao Partido da Causa Operária (PCO). Mesmo sendo minoria dentro do Movimento Docente, o grupo não poupa críticas à atual diretoria do ANDES, acusada por eles de "divisionista" e "oportunista". Acompanhe a seguir a entrevista:



Maria de Lourdes: a Conlutas é uma aventura

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta - Qual o objetivo principal que a sua chapa tem ao concorrer à direção do ANDES?

Resposta - É de criar uma verdadeira oposição no ANDES chamando pela unidade dos trabalhadores contra a reforma universitária e em defesa do ensino público e gratuito. Estamos chamando esse movimento, de nível nacional, de construção de novas direções para os sindicatos, em particular o ANDES e, também, para os trabalhadores de um modo geral. Há um processo em curso que favorece inclusive o choque dos trabalhadores devido à burocracia que hoje está na maioria dos sindicatos e foi desenvolvida também dentro da central sindical. É bastante claro para nós que pela conjuntura atual da crise nacional, da crise internacional, essa importante mudança política nesse cenário, é uma tarefa para nós do movimento sindical, de se contrapor e se chocar com o governo, que não é um governo de interesse dos trabalhadores, mas um governo de colaboração de classes. A nossa luta é no sentido da gratuidade, da ampliação das vagas, dos salários, nós tivemos uma greve que não trouxe ganhos reais para a categoria, foi uma greve que deixou muito a desejar.

P - Porque não teve (ganhos reais para a categoria) no seu entendimento e o que faltou?

R - Necessita uma unidade maior dos trabalhadores da educação, de construir uma pauta unificada que pudesse de fato contemplar todos os interesses dos trabalhadores, não só as perdas salariais, feita de forma emergencial no governo atual, mas colocar para o trabalhador, para a massa e para a população, que há uma perda de muito mais de 140% dependendo se a universidade é estadual, federal ou particular. Há um conjunto de perdas da qualidade do ensino, do sucateamento, que já vem sendo construído há muito tempo e o resultado hoje é que os trabalhadores para enfrentar esse governo que vende tudo, que rifa tudo para garantir os acordos internacionais com o FMI e os acordos locais, rifa a saúde, rifa a universidade pública, não amplia,

não dá qualidade, não dá condições de trabalho para o conjunto dos professores. A gente precisa construir uma verdadeira luta de contraposição, pois a reforma universitária e a sindical estão em curso.

P - Mas, por exemplo, o grupo que está na direção do ANDES também atua nessa linha de combater a reforma universitária, etc. Qual é a diferença, a forma como vocês querem combater a reforma universitária e a forma como, por exemplo, a diretoria do ANDES faz isso?

R - A atual diretoria do ANDES capitulou de forma vergonhosa diante da proposta da reforma sindical e aprovou no congresso passado a desfiliação da CUT: essa é a primeira grande questão. Com isso, promoveram um processo de divisão no sindicato, muitos trabalhadores nem sequer sabem para onde vão, nem querem mais participar do Congresso. Eles também fazem crítica à diretoria anterior no ANDES, mas na verdade eles, por exemplo, apresentaram um projeto acreditando que vai ser possível barrar um projeto contra a reforma com um alternativo, mas a gente percebe que é uma adaptação também. O Congresso Nacional (Legislativo) é totalmente corrupto, que cria uma ilusão e desmobiliza ao invés de avançar na luta pela retirada do projeto da reforma universitária.

P - A principal alegação que se observou na saída da CUT é a questão de que a Central seria aparelhada pelo governo, ao mesmo tempo o pessoal apontou em um determinado momento, é centro até desse congresso, a questão de vincular-se ou não ao Conlutas. Qual é a posição do grupo de vocês. Essa contrariedade em relação à saída da CUT, porque vocês são contra e qual é a avaliação que fazem do Conlutas?

R - Nós somos contra por uma questão essencial: na hora em que essa burocracia começa a entrar em crise, na hora em que os trabalhadores estão indo, você sair da luta é fazer uma divisão do próprio centro e criar uma aventura. O Conlutas é uma aven-

tura, é uma tentativa de formação de uma central por cima, porque não é um movimento real. A gente olha para um movimento real, se o movimento real indicasse isso não se levaria dois anos como eles já levaram e, no entanto, não avançaram em absolutamente nada. Em determinados setores como na APEOESP (Sindicato dos Professores Estaduais) em São Paulo, um dos maiores sindicatos, não levantam a bandeira da desfiliação da CUT. Em vários locais também não levantam e onde levantaram o que aconteceu? Ou não conseguiu passar ou no sindicato que passou se encontra em um verdadeiro isolamento. Já está uma oposição grande nesse sindicato. É uma saída de um movimento em um momento em que você teria que dar o combate até o final. A CUT é uma expressão desse movimento e a gente olhou para o movimento real para poder tomar uma posição, se de ruptura ou não. Então, a gente acha que a maioria dos trabalhadores, a maioria dos sindicalistas, se encontra ainda dentro da CUT. São quatro mil (sindicatos) filiados ainda à CUT. A saída do movimento enfraquece a luta dos trabalhadores, por isso a gente acredita que foi um equívoco, desse ponto de vista, de sair do refluxo que o movimento se encontra em nível nacional, não só professores. Outro detalhe, essa burocracia (direção da central) não foi criada agora e a CUT não é governista agora. Ela vem desenvolvendo a burocracia há muito tempo, inclusive com a ajuda do P-Sol (Partido Socialismo e Liberdade) que hoje está no Conlutas. Eles ajudaram a construir a burocracia em vários sindicatos com o PC do B. Quer dizer, não é de agora que a CUT está traindo o trabalhador. A diretoria (do ANDES) está dividida quanto ao Conlutas. Já tem uma outra posição que não quer mais ir para o Conlutas, quer construir um pólo de resistência que já aponta também com a possibilidade da criação de uma nova central sindical através das assembleias populares que é o que o P-Sol defende. Nessa nova chapa (que concorre à direção) vai continuar esse impasse, esse racha, porque ninguém vai querer apostar

todas as fichas no Conlutas.

P - Se diz que o Conlutas é PSTU, P-Sol, e que o segundo partido estaria se retirando. A senhora se assume de algum partido político, no caso, o PCO?

R - Assumo, não tenho medo, não tenho vergonha de falar. Acho que as pessoas têm que ser honestas no discurso, não têm que esconder absolutamente nada. Eles (da ANDES) dizem no discurso que são apartidários, quando todos são ligados a partidos, ou se não são ligados seguem uma linha política. Dizem que são autônomos e implementam uma política vergonhosa e capituladora de apartidarismo. É isso que está colocado no momento em que os trabalhadores estão confusos porque foram traídos, estão confusos em relação ao PT, à própria CUT e à burocracia.

P - Como é que a senhora avalia esse grupo do Proifex e a relação que a diretoria do ANDES mantém com esse grupo. Inclusive, a gente percebe que as seções sindicais, os militantes ligados ao Proifex não vieram para o Congresso. Como é que a senhora avalia esse quadro?

R - A capitulação diante da desfiliação da CUT propiciou a criação do Proifex, que é um negócio ruim dentro do movimento docente. Existe uma divisão muito clara hoje dentro do movimento, por isso que a gente está chamando pela unidade dos trabalhadores. Para nós, a alternativa política que o ANDES está apresentando é oportunista, porque em um determinado momento tem uma posição e agora aparecem como oposição, mas de fato não tem oposição nenhuma, são complementares. Tanto essa política dessa corrente do ANDES-AD que tem P-Sol, PSTU e vários grupamentos, alguns que vieram do PT e outros mais, mas quem dá o tom é o pessoal ligado ao P-Sol e ao PSTU. São esses dois setores responsáveis pela divisão (do Movimento Docente). E, digo mais: o ANDES e o Proifex não são projetos alternativos de mobilização dos docentes, eles estão de certa forma aliados, apesar da aparente oposição. Não dá também para abandonar o ANDES e criar um outro sindicato nacional.